



Sede da Casa do Douro está de novo em risco por penhora

VINHO DO PORTO ■ Banco pretende vender a empresas 17 mil pipas penhoradas

CD quer ver propostas

■ Ermelinda Osório

A Direcção da Casa do Douro (CD) "vai exigir o acesso a eventuais propostas para aquisição das 17 mil pipas de vinho penhoradas pelo BPN-Banco Português de Negócios, na sequência de empréstimos à instituição duriense. A informação foi avançada, ontem, por Manuel António Santos, presidente da Casa do Douro, que alertou para "o risco de desequilíbrio no sector, com a descida de preços".

O presidente da CD afirma que "como diz o povo, onde há fumo, há fogo" e acrescenta ser "inadmissível que uma empresa tente negociar vinhos que são da CD, não com a própria, mas com um banco que lhe emprestou dinheiro".

Adrian Bridge, da "Taylor's" – empresa tida como interessada nessa aquisição, embora negue "negociações neste momento" –, desvalorizou "a possível inundação do mercado", referindo-se que a "lei do terço", que só permite às empresas venderem um terço do vinho comprado em cada colheita nesse mesmo ano". Mas Manuel António lembra que

um terço são quase seis mil pipas, quando CD, Associação de Empresas e Governo já concluíram que, "além do estipulado, no comunicado de vindima, o mercado só manterá o equilíbrio se a Casa do Douro vender vinhos de vindimas anteriores, entre 2500 e 5000 pipas". Acresce que "tal negócio poderá implicar que a empresa acabe por não comprar quaisquer vinhos da próxima vindima".

Refira-se que "desde 2001, que o comércio não tem comprado quaisquer vinhos à Casa do Douro e, por isso mesmo, entramos em ruptura financeira, explica, ainda, Manuel António Santos. Daí para cá, "O BPN tem pedido à CD "garantias adicionais, primeiro dois armazéns e depois a sede, esta última sob determinadas condições e num pressuposto de boa fé", acrescenta. Se os vinhos forem vendidos a um preço muito inferior ao real, o total não será suficiente para pagar a dívida de 25 milhões de euros, pelo que serão executadas as penhoras adicionais. Manuel António Santos não aceita que "o vinho seja vendido ao preço da «uva mijona», não chegando para pagar o empréstimo, quando ele vale muito mais".